

MUSEUS E SOCIEDADES EM CONTEXTOS TURÍSTICOS: O EXEMPLO DO MUSEU DE PORTIMÃO

*José Gameiro**

Resumo: Diretamente responsável pelas grandes deslocações individuais e coletivas das sociedades industriais e contemporâneas, o turismo é uma atividade omnipresente com evidente impacto na erosão dos espaços territoriais e dos seus recursos ambientais e patrimoniais. Na cidade algarvia de Portimão, no sul de Portugal, a abertura de um museu na área portuária, preservando e renovando uma antiga fábrica de conservas de peixe, centrado na história da sua sociedade, território e identidade, constituiu um desafio e interessante exemplo, acerca das possibilidades e dos limites, de uma coexistência inserida um contexto temporal e territorial, fortemente condicionado pelo modelo turístico massificante dos anos 70 e 80.

O museu de Portimão assume-se claramente, como um observatório permanente da evolução histórica e social da sua comunidade e um laboratório de ideias para a produção de conhecimento e de salvaguarda do seu património cultural e das qualidades singulares da sua identidade.

Palavras-Chave: Turismo; Museu; Sociedade; Património Cultural.

Abstract: Directly responsible for the large individual and collective displacements of industrial and contemporary societies, tourism is an omnipresent activity with a clear impact on the erosion of territorial spaces and its environmental and heritage resources. In the city of Portimão, in Portugal's southernmost region, the opening

* Diretor Científico do Museu de Portimão, josesgameiro@gmail.com

of a museum in a former harbor area, preserving and renewing an old fish cannery, centered on the history of its local society, territory and identity, was a challenge and an interesting example about the possibilities and limits of coexistence, inserted in a temporal and territorial context, strongly conditioned by the mass tourism model of the 70s and 80s.

The museum of Portimão clearly assumes itself as a permanent observatory of the historical and social evolution of its community and a laboratory of ideas to produce knowledge and protection of its cultural heritage and the unique quality of its identity.

Keywords: Tourism; Museum; Society; Cultural Heritage.

Diretamente responsável pelas grandes deslocações individuais e coletivas das sociedades industriais e contemporâneas, o turismo é uma atividade omnipresente que percorre transversalmente continentes, países e regiões, exercendo aí um profundo impacto social e económico, com visíveis repercussões na paisagem natural e cultural nomeadamente no efeito de aceleração do consumo e erosão dos espaços territoriais e dos seus recursos endógenos, ambientais e patrimoniais, de que a região do Algarve, no sul de Portugal e, em especial o município de Portimão, são disso exemplo.

Neste contexto e enquanto lugares de investimento social, simbólico e cultural das sociedades, espaços privilegiados da legitimação, proteção e desenvolvimento da diversidade das culturas locais, os museus constituem-se como parte integrante e participam de forma ativa, num contínuo movimento de interação na procura de pontes de diálogo com “os outros”, que justamente o turismo também potencia e desenvolve com particular incidência, na dimensão diferenciadora de um património material e imaterial específico.

Os museus devem, nessa perspetiva, desempenhar um maior protagonismo na gestão da vitalidade cultural e natural dos seus territórios, quais refúgios identitários das suas memórias fundadoras, intérpretes coerentes e esclarecidos dos particularismos histórico mas, mantendo igualmente uma grande proximidade e uma atitude de acompanhamento, dos sinais mais contemporâneos e representativos das suas comunidades, bem como uma especial atenção aos fatores mais intrusivos e aos impactes mais negativos,

resultantes de uma massificação da carga turística e da banalização do património natural e cultural, associados a um consumo de características mais superficiais e efémeras, com danos prolongados ou desgaste irreversível dos recursos em que se baseia a sua exploração.

Da Revolução Francesa à atualidade, a paisagem museológica em geral e da Europa em particular, sofreu profundas alterações quer na sua tipologia e âmbito, quer na formulação da sua missão, gestão e programação.

Se, num primeiro momento se verificou uma certa estabilização do quadro de referência dos parâmetros de atuação, das práticas e dos limites da museologia, a partir do séc. XX, será já a influência do fenómeno turístico e as características associadas ao seu modo de desenvolvimento, fruto das transformações laborais, sociais, económicas e tecnológicas, da introdução das férias pagas e da melhoria das comunicações e acessibilidades transfronteiriças, a revelar-se como um novo e influente fator para a reformulação das principais opções tanto museológicas como patrimoniais.

Multiplicam-se as grandes e temporárias exposições internacionais, de grande efeito mediático e progressivamente são criados entre outros, importantes museus nacionais, de arte, arqueologia, etnografia, ciência, tecnologia e indústria, parques temáticos, casas e cidades-museu, museus de história natural, musealização de monumentos, lugares e sítios, ecomuseus, museus de sociedade, de identidade, de território, inspirados no conceito do «museu integral» (UNESCO, 1972), saído da Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile e aberto ao questionamento das realidades sociais e de novas formulações museológicas emergentes, rompendo com algumas das margens mais redutoras e restritivas do campo museal.

Após a criação do ICOM-Conselho Internacional dos Museus, em 1946, surgem as primeiras tentativas de definição internacional do conceito de museu, as quais rapidamente se alteram, face às dinâmicas e transformações operadas, evoluindo para a atual proposta de definição, na qual se considera o museu como «uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite».

Mas não deixa de ser um interessante exemplo de vitalidade que, no início do séc. XXI, e no seio do ICOM, se volte a discutir de novo, uma proposta mais globalizante visando alcançar um consenso de maior abrangência internacional, sobre o conceito e a missão do museu.

Os museus, enquanto legítimos e importantes recursos e destinos de apropriação turística, devem desenvolver estratégias autónomas e ativas de comunicação, reciprocidade, redes e parcerias, entre si e os diversos agentes, operadores e estruturas de desenvolvimento turístico, desde logo com os situados na envolvente da sua área de influência geográfica e cultural, mas igualmente procurando alcançar plataformas e escalas de contacto e visibilidade mais amplas.

Nesse sentido, à luz de uma permanente duplicidade Museu-Turismo, **é importante** ter presente, o importante contributo da *Carta de Princípios sobre os Museus e o Turismo Cultural*, saída do Encontro «Museus, Património e Turismo Cultural», organizada pelo ICOM-Conselho Internacional dos Museus, em maio de 2000, nas cidades de Trujillo (Peru) e La Paz (Bolívia).

Do conjunto de princípios desse documento, destacam-se cinco ideias-chaves, de grande atualidade e perfeitamente ajustáveis a uma reflexão sobre as estratégias a estabelecer para melhor perceção e definição dos principais pontos de contacto para uma desejável abordagem interativa entre museus e turismo:

1. Os museus, enquanto como mediadores culturais e tendo em conta a sua diversidade tipológica em termos de coleção, natureza pública ou privada, nacional, regional ou local, as suas condições de pluralidade, singularidade, liberdade, flexibilidade e potencial criativo, constituem um recurso importante para Turismo Cultural.

2. A interação entre turismo e museus é uma relação que pode afetar a conservação do património natural e cultural, incluindo a das coleções e os valores que transmitem. Essa relação deve preservar uma ética de conservação para garantir a permanência dos testemunhos

3. Em relações ao turismo cultural, os museus devem incentivar a participação ativa das comunidades locais, na planificação da gestão do património na sua relação com as operações turísticas

4. Uma relação harmoniosa entre museus e turismo cultural deve abordar todos os aspetos constituintes do museu como infraestrutura, a qualidade das coleções, sistemas de informação e comunicação, atividades educativas e exposições, os seus profissionais e a relação com o meio ambiente.

5. Do ponto de vista económico, a comercialização do turismo cultural com base em recursos patrimoniais deve incluir a sustentabilidade na sua dimensão económica, social e ambiental (ICOM, 2000).

No caso de Portimão, localizado em plena região do Algarve, no sul de Portugal, uma zona sempre sujeita a uma forte influência de conflitos, ocupações, mas igualmente de trocas comerciais, com as civilizações da bacia mediterrânica e do norte de África, algo de muito preocupante do ponto de vista da salvaguarda da singularidade de sua história coletiva se passava no final dos anos 70, do séc. XX.

Devido à mudança do anterior paradigma agrícola, marítimo e industrial conserveiro para a nova realidade trazida pela indústria turística de massas (a exemplo da costa sul de Espanha), com profundas transformações no seu território, pelo aumento da especulação imobiliária e seus reflexos na densidade urbana, com o continuado e progressivo encerramento das últimas unidades industriais, nomeadamente as litografias, fundições, estaleiros e sobretudo as fábricas de conserva de peixe, pertencentes ao Centro Conserveiro de Portimão, era iminente o risco do desaparecimento de parte do seu património histórico, social e cultural, dada a ausência de qualquer estrutura museológica e patrimonial.

Simultaneamente a este panorama, haveria que se incluir um impressionante e imenso espólio arqueológico subaquático cujos fragmentos, de grande diversidade tipológica e cronológica, eram lançados com as areias provenientes das dragagens fluviais realizadas para o desassoreamento da foz do rio Arade, diretamente para as praias da costa atlântica de Portimão.

A simples e urgente necessidade de preservar de forma mais estruturada, este imenso património da comunidade portimonense,

foi a motivação para a criação em 1983, da Comissão Instaladora do Museu de Portimão, saída de voluntários da sociedade local e apoiada pela Câmara Municipal de Portimão, cujo trabalho haveria de conduzir, vinte e cinco anos depois, em 17 de maio de 2008, à inauguração e abertura pública do Museu de Portimão.

Do ponto de vista histórico, a localização geográfica de Portimão, entre a serra de Monchique e a frente marítima Atlântica, a riqueza e o aproveitamento dos recursos naturais da sua envolvente territorial, o papel histórico do rio Arade, como zona portuária segura e importante “estrada” de navegabilidade e intercomunicação, com o interior de uma vasta região do Barlavento, da serra algarvia e do Baixo-Alentejo e o Mediterrâneo, determinaram desde a pré-história, uma progressiva fixação humana e o desenvolvimento de um conjunto de influências sociais e culturais resultantes da geografia marítima, rural, industrial e comercial, que sempre caracterizou historicamente este Município.

Pelo rio Arade e sua área portuária, chegavam e partiam os cruzamentos culturais e civilizacionais, com os povos da Antiguidade, da Bacia do Mediterrâneo, do Norte de África e da Europa, num percurso histórico decisivo no moldar da diversidade e transformação de sistemas de vida, da transmissão e troca de saberes e atividades, ainda hoje presentes no seu quotidiano.

Foi neste contexto e partindo dessa profunda relação territorial do homem com o rio e o mar, que a ideia do museu se inspirou, para desenhar os principais eixos programáticos e objetivos do trabalho museológico a desenvolver, nos quais se inseriu a decisão da escolha do simbólico e icónico edifício da centenária fábrica de conservas de peixe *Feu Hermanos*, na zona ribeirinha e portuária de Portimão, para a sua adaptação a museu, evoluindo de uma fábrica de conservas para uma fábrica de ‘histórias’, de forma a sublinhar e manter a profunda relação com a memória e o espírito do lugar,

A aquisição da fábrica de conservas pela Autarquia de Portimão, visando a instalação do futuro Museu Municipal, vem introduzir um importante fator do fortalecimento da oferta cultural da cidade e uma nova dinâmica, na requalificação das estruturas industriais e no destino urbano daquela zona ribeirinha (GAMEIRO,1998b).

Assumindo-se desde sempre como um museu de Sociedade, Identidade e Território, ao espelhar a evolução da matriz histórica e cultural das suas comunidades, o museu de Portimão constitui-se igualmente como um observador atento da realidade social e patrimonial e um ativo laboratório de projetos, ideias e de produção de conhecimento, em permanente mediação e interação cultural, com as populações locais, os seus utentes, audiências e visitantes.

A implantação do museu, nesta zona da cidade de Portimão, abrangeu igualmente o espaço exterior e o cais ribeirinho envolvente, no qual se manteve, recuperou e integrou o guindaste *Marion 2*, adquirido em 1946, à empresa americana *Marion Steam Shovel Factory*, o transportador e o pontão de descarga, que diretamente do porão dos barcos atracados no rio, levariam o peixe para o interior da fábrica.

A aposta na requalificação e fruição de uma zona urbana anteriormente degradada e inacessível, através de um percurso público diversificado e de qualidade ao longo do cais e o simbolismo relevante desta transformadora e nova realidade museológica, veio contribuir para concretização dos seguintes quatro grandes objetivos: 1) Reabilitar o património histórico-industrial; 2) Valorizar a relação cidade-rio; 3) Interpretar e divulgar a evolução histórica, territorial e social da comunidade; e 4) Favorecer a formação de novos públicos, desenvolvendo uma oferta cultural de qualidade.

Distribuída ao longo de duas naves industriais do anterior edifício fabril, a principal exposição de referência do museu 'Portimão-Território e Identidade', interpreta e representa a síntese histórica do percurso desenhado pelas comunidades locais, na sua interação com a envolvente geográfica e natural, desde a pré-história até à atualidade, na qual se destacam as atividades mais representativas da vida económica, cultural e social. Desse milenar cruzamento de povos e cultura, o visitante é orientado por 3 percursos temáticos:

Percurso 1 – Origem e Destino de uma Comunidade, onde se apresentam os principais momentos históricos que determinaram a fixação humana desde a pré-história, à ocupação romana e muçulmana, até às atuais comunidades rurais, marítimas e urbanas que participaram na transição para a industrialização.

Percurso 2 – A Vida Industrial e o Desafio do Mar, no qual se projetam museograficamente as memórias industriais e conserveiras resultantes da profunda ligação flúvio-marítima e onde se acentua

o papel dos homens e em particular das mulheres operárias conserveiras, na atividade económica mais marcante de Portimão e do Algarve, antes da chegada do turismo. Partindo do próprio espaço fabril e em particular da recuperada *Casa do Descabeço*, somos conduzidos da antiga lota de Portimão, ao coração das fábricas, acompanhando a deslocação das operárias para os processos e sequências da cadeia operatória do fabrico, embalagem e promoção das conservas.

Percurso 3 – Do Fundo das Águas, localizado no piso inferior, no espaço da antiga cisterna da fábrica, onde se recolhiam e aproveitavam as águas pluviais, para alimentar as caldeiras a vapor pode observar-se, enquanto se percorre um passadiço construído sobre um espelho de água, o conjunto dos primitivos arcos e espaços abobadados que suportavam o antigo edifício fabril. Neste percurso o grande destaque centra-se numa galeria, na qual é museograficamente sugerido o interior de um ‘submarino’, permitindo aos visitantes seguir a evolução da criação do novo recife artificial designado *Ocean Revival-Parque Subaquático de Portimão*, realizado a partir de quatro antigos navios de guerra da Armada Portuguesa, afundados a 3 milhas da zona costeira de Portimão, um local destinado ao turismo de mergulho e simultaneamente, uma estrutura para o desenvolvimento e sustentabilidade de vida marinha e onde, para esse efeito, a pesca se encontra interdita.

Mas as atividades do museu não se limitam à sua exposição permanente, antes alargando-se à diversidade e ao intenso ritmo das suas exposições temporárias, às dinâmicas da oferta da sua oficina educativa, à programação e disponibilidade do seu auditório e salas de reuniões, ao apoio à pesquisa e investigação no seu Centro de Documentação e Arquivo Histórico, ao trabalho nas áreas da arqueologia, antropologia, história, conservação e restauro, à gestão e dinamização dos Monumentos Megalíticos de Alcalar e a todo um trabalho de contínua interação da equipa museológica, com as suas várias comunidades, independentemente do seu estatuto de pertença, ou de origem, visando estimular a sua inclusão e participação, uma vez que ‘todos’ são Portimão.

Num destes primeiros projetos, designado ‘O museu bate à porta da nossa história’, a comunidade é simultaneamente envolvida enquanto narradora e protagonista das suas histórias e percursos de vida, deslocando-se a equipa do museu aos seus bairros e locais

de vivência quotidiana, para proceder à recolha e registo dos seus testemunho e formas de organização. Partindo essencialmente das temáticas laborais, constrói-se e revela-se desse modo, o mapa do próprio território social, no qual se reencontram, expondo e confrontando a diversidade, dinâmica e dimensão das suas representações sociais.

O museu de Portimão revela-se igualmente no contexto turístico, como um elemento âncora complementar de sinergias, participando ativamente como elemento polarizador e facilitador, do desenvolvimento da atratividade e singularidade da sua região, integrando-se naturalmente como destino já consolidado da programação da oferta turística.

Como exemplo dessas sinergias, na procura de uma maior proximidade entre a museologia e o turismo, o museu de Portimão tem vindo desenvolver algumas iniciativas consideradas como um exemplo mais adequado e facilitador desse objetivo, como sejam a realização de protocolos, parcerias e a estabelecimento de acordos de cooperação, com sectores relevantes como operadores turísticos, agências de viagens, empresas de táxis, embarcações, restauração, turismo social, *rent-a-car*, unidades hoteleiras, outros agentes de acolhimento turístico e similares, compreendendo a divulgação do museu, exposições e materiais itinerantes, *vouchers* de entrada, promoções especiais, patrocínio de atividades e utilização dos espaços museológicos, visando a divulgação do Museu, enquanto destino cultural de qualidade para as audiências do turismo.

Determinante nesta aproximação são as políticas de valorização dos activos do património cultural, da sua envolvente territorial e paisagística, como bens imóveis, monumentos civis religiosos e militares, sítios históricos e arqueológicos, localizados em Portimão, potenciando a organização articulada de rotas, percursos e circuitos turísticos, direccionados para a interpretação histórica e identitária da comunidade. Aspecto importante a sublinhar é a flexibilidade e a adaptação de horários diferenciados e sua adequação aos fluxos sazonais dos visitantes, através da oferta anual de um horário especial de verão, entre 1 e 31 de Agosto, entre as 15h00 e as 23h00.

Com a distinção entre outros, do prestigiante prémio ‘Museu Conselho da Europa’ em 2010, o museu de Portimão assume-se como uma mais-valia no âmbito do turismo cultural e como

uma estrutura que pretende responder com flexibilidade, a novos desafios enquanto observatório atento da sua envolvente humana e laboratório ativo e criativo de conteúdos e conhecimento, inserindo-se como mais um elemento determinante no frágil equilíbrio de uma permanente e dinâmica trilogia Património, Comunidade e Turismo.

Bibliografia

- GAMEIRO, José (1998a) – *Património e Museologia: Da Realidade Global à Perspectiva Local*. Faro: Universidade do Algarve. Tese do Mestrado.
- _____ (1998b) – *Programa Museológico Preliminar do Museu Municipal de Portimão*. Portimão: Museu de Portimão.
- ICOM (2000) - *Propuesta del ICOM para una Carta de Principios sobre Museos y Turismo Cultural*. Peru e Bolívia: Trujillo e La Paz.
- UNESCO (1972) - *Resoluções Adoptadas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile*. Chile: Santiago do Chile.

